



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana de Natal traz dados de crédito e inflação no Brasil.

- A agenda de indicadores da semana é relativamente esvaziada, devido ao feriado de Natal. Na sexta-feira (26), o Banco Central divulga as estatísticas de crédito referentes ao mês de novembro.** A Pesquisa Especial de Crédito da Febraban estima crescimento do saldo de crédito total de 1,3% no mês, com altas de igual magnitude entre as carteiras destinadas às famílias e empresas. No caso das famílias, o movimento é liderado pelas linhas destinadas ao consumo, enquanto no caso do crédito PJ, os programas públicos devem seguir com alta expressiva. No acumulado em 12 meses, o ritmo de expansão do crédito deve desacelerar de 10,2% para 10,0%, se mantendo com alto nível de crescimento e uma trajetória bastante gradual de arrefecimento. Para mais detalhes da Pesquisa, [clique aqui](#).
- Em relação à inflação, o IBGE divulga nesta terça (23) o IPCA-15 de dezembro, que deve fechar 2025 com alta de 4,42%, pouco abaixo do teto da meta.** O consenso do mercado estima que a prévia do índice oficial suba 0,26% no período, pressionado por itens que normalmente sobem no fim de ano, como passagens aéreas e serviços de lazer, além da devolução das promoções da *Black Friday*. Contudo, preços dos alimentos ainda bem-comportados e a mudança da bandeira tarifária nas contas de energia elétrica (de vermelha nível 1 para amarela) devem contribuir para um avanço apenas moderado do índice em dezembro. Com isso, no acumulado em 12 meses, o IPCA-15 deve fechar o ano com alta de 4,42% (ante 4,50% em novembro e 4,71% em dez/24), seguindo em trajetória de acomodação.
- A Receita Federal divulga hoje, segunda (22), o resultado da arrecadação federal de novembro.** O consenso dos analistas estima que a arrecadação registre crescimento real de 2,6% na comparação com novembro de 2024, impulsionada pela majoração das alíquotas do IOF e resiliência de impostos ligados ao mercado de trabalho (previdência e IRPF). Por outro lado, impostos relacionados ao desempenho da atividade econômica (IRPJ/CSLL, por ex.) devem voltar a desacelerar.
- Ainda no cenário local, o BC divulgou o boletim Focus, que mostrou que os agentes seguem ajustando para baixo as suas projeções de inflação para 2025 e 2026.** Para este ano, a projeção caiu de 4,36% para 4,33%, enquanto para 2026, passou de 4,10% para 4,06%. Já a expectativa para o PIB deste ano apresentou revisão marginal, de 2,25% para 2,26%, enquanto para o próximo ano ficou estável em 1,8%. Por fim, vale citar que, dada a sinalização recente do Copom, as projeções para a taxa Selic de 2026 voltaram a subir, passando de 12,13% aa para 12,25% aa para o fim do próximo ano.
- No cenário internacional, a agenda também será enxuta, com o destaque ficando por conta da divulgação, na terça (23), do PIB dos EUA referente ao 3º trimestre.** O dado também foi adiado em função do *shutdown* do governo federal e a divulgação corresponderá à 2ª leitura do indicador (a leitura prévia não será divulgada). A expectativa do mercado é de uma alta trimestral anualizada de 3,2% no 3º trimestre (ou +0,8% na margem). Caso o dado se confirme, representará uma ligeira desaceleração ante o observado no 2T25 (+3,8%) e deixaria um *carry over* de 1,9% para a expansão do PIB em 2025. Será importante avaliar a composição deste crescimento, em especial o consumo das famílias e o investimento privado, mais relevantes para entender a força da atividade no país e seus efeitos sobre a inflação e a política monetária.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22-23dez	FGV: Sondagem de Confiança (Consumidor e Construção)	Dez/25	-	-
22/dez	Receita Federal: Arrecadação de Impostos	Nov/25	2,6% a/a**	0,9% a/a
23/dez	IBGE: IPCA-15	Dez/25	0,26% m/m 4,42% a/a	0,20% m/m 4,50% a/a
26/dez	BCB: Estatísticas de Crédito	Nov/25	1,3% m/m* 10,0% a/a*	0,9% m/m 10,2% a/a

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa especial de Crédito da Febraban. **Broadcast

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
21/dez	China	Taxas de Juros Prime (1 ano e 5 anos)	Dez/25	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
23/dez	EUA	PIB	3º tri/25 – 2ª leitura*	3,2% t/t-1 (anualizado)	3,8% t/t-1 (anualizado)
23/dez	EUA	Produção Industrial	Out-Nov/25	0,1% m/m (Nov/25)	0,1% m/m
23/dez	EUA	Confiança do Consumidor (Conf. Board)	Dez/25	91,0 pts	88,7 pts

Fonte: Bloomberg. *Leitura prévia cancelada pelo Bureau of Economic Analysis.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Banco Central traz poucas novidades e corte dos juros em janeiro fica mais distante

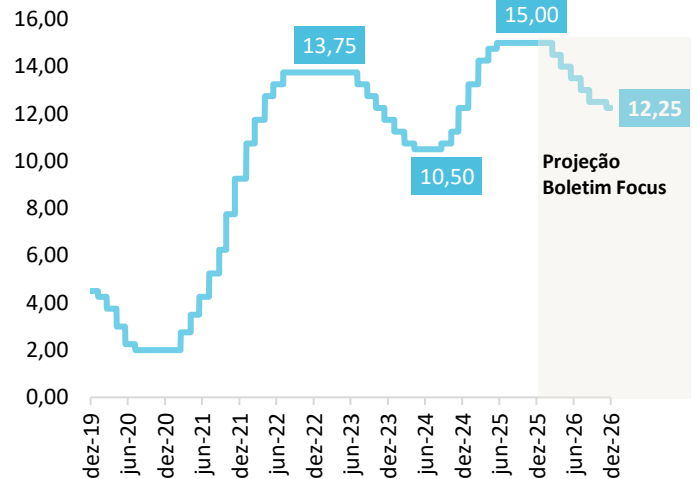
O Banco Central divulgou a Ata da última reunião do Copom e o Relatório Trimestral de Inflação do 4T25. No geral, os documentos não trouxeram sinais convincentes de que o BC planeja reduzir a taxa Selic em janeiro, levando parte relevante do mercado a apostar que o início do ciclo de queda dos juros deve começar apenas em março.

De toda forma, o Comitê mostrou maior confiança em sua estratégia, apontando que a política monetária tem contribuído de forma determinante para a desinflação observada. Segundo o BC, as leituras recentes de inflação mostram uma dinâmica melhor do que a esperada no início do ano, beneficiada pela combinação de um câmbio mais apreciado, comportamento benigno dos preços das *commodities* e moderação gradual da atividade, embora o mercado de trabalho siga dinâmico. Sobre este último ponto, afirmou que a taxa de desemprego tem se mantido em patamares historicamente baixos, mas com redução na população ocupada e na taxa de participação.

Apesar do reconhecimento de que a atividade está em desaceleração, o BC elevou sua projeção para o crescimento do PIB deste e do próximo ano. Para 2025, a estimativa subiu de 2,0% para 2,3%, enquanto para 2026, passou de 1,5% para 1,6%. Para este ano, a principal justificativa foi a revisão da série pelo IBGE, que elevou especialmente a projeção para o crescimento do setor agropecuário e do consumo do governo. Por outro lado, revisou para baixo a estimativa para o consumo das famílias e o setor de serviços. Para o próximo ano, o BC destacou que a revisão para cima da projeção decorre, em parte, do impacto esperado da medida que isenta (ou desconta) o IRPF para os trabalhadores de menor renda.

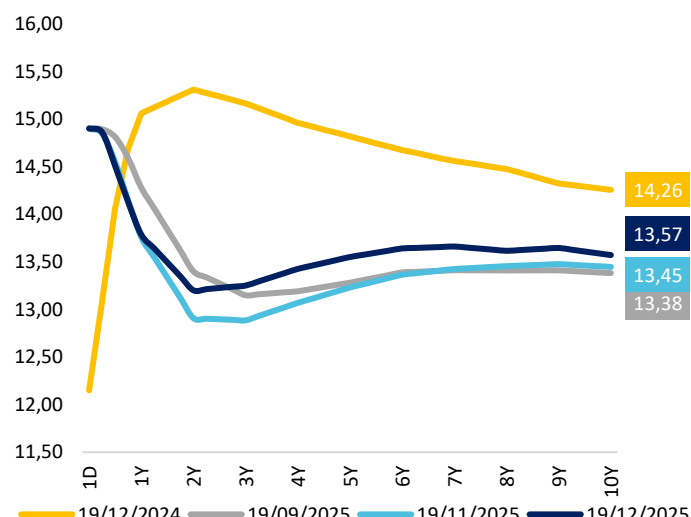
Com isso, chamou a atenção a reavaliação que o BC fez sobre a perspectiva para o hiato do produto. O hiato é uma variável (não observável diretamente) que busca medir se a economia opera acima ou abaixo de sua capacidade produtiva. Valores positivos indicam que a economia está sobreaquecida, levando a um aumento da inflação; e, o oposto para valores negativos. Embora marginal, o BC apontou que sua estimativa para o hiato no 2T27 é de -0,4%, superior ao reportado no relatório anterior, quando estimava -0,5% para o 1T27 (horizonte relevante na ocasião). Ou seja, o BC projeta que a atividade deve contribuir menos com a desinflação da economia nos próximos trimestres.

Quadro 1: Taxa Selic - % ao ano



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros - % ao ano



Fonte: Bloomberg

Ainda assim, a projeção de inflação do BC caiu ligeiramente. Para o 2T27, atual horizonte relevante, a projeção caiu 0,1 pp, para 3,2%, mesmo nível estimado para o 3T27, período que se tornará o horizonte relevante para a próxima reunião. Aqui, houve alguma frustração também, pois parcela do mercado estimava que o BC fosse projetar a inflação para o 3T27 em 3,1% (ou até em 3,0%, exatamente no centro da meta). O BC apontou que o comportamento mais favorável da inflação corrente, a queda das expectativas de inflação, do dólar e do petróleo ajudaram nas projeções. Por outro lado, a projeção mais alta do hiato do produto foi na contramão.

Por fim, o Copom avaliou que a condução cautelosa da política monetária tem contribuído para a desinflação, mas os vetores inflacionários se mantêm adversos. Portanto, a conjunção do teor do comunicado, com as pistas fornecidas nos exercícios e projeções (PIB, hiato do produto e inflação) realizados pelo BC dão pouca margem para o mercado acreditar que o Copom começará a cortar os juros a partir de janeiro. Como exemplo, a opção de Copom da B3 precifica atualmente em 64,0% a probabilidade de manutenção dos juros na próxima reunião.

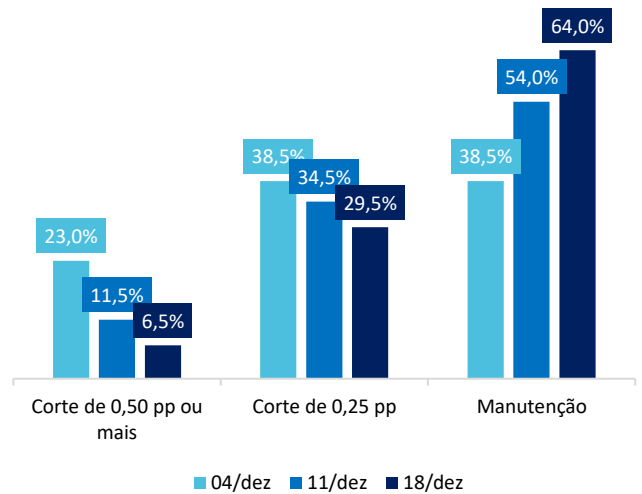
Os indicadores mensais de atividade (proxys do PIB) recuaram em outubro, indicando que a economia segue em processo de desaquecimento neste 4º trimestre, com possibilidade real de o PIB registrar ligeira contração no período.

O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central, recuou 0,25% no mês, abaixo do consenso do mercado (+0,1%). Este foi o quinto recuo nos últimos 6 meses, período em que o indicador acumula contração de 2,6%. A queda do mês foi puxada pela indústria (-0,7%) e o setor de serviços (-0,2%), enquanto o setor agropecuário avançou 3,1%, a segunda alta consecutiva.

O resultado de outubro deixou um carregamento estatístico negativo de 0,3% para indicador no trimestre, sugerindo uma retração do PIB no período. De toda forma, no acumulado do ano (jan-out), o IBC-Br registra crescimento de 2,4%, beneficiado pela forte expansão do setor agro no ano (+13,7%).

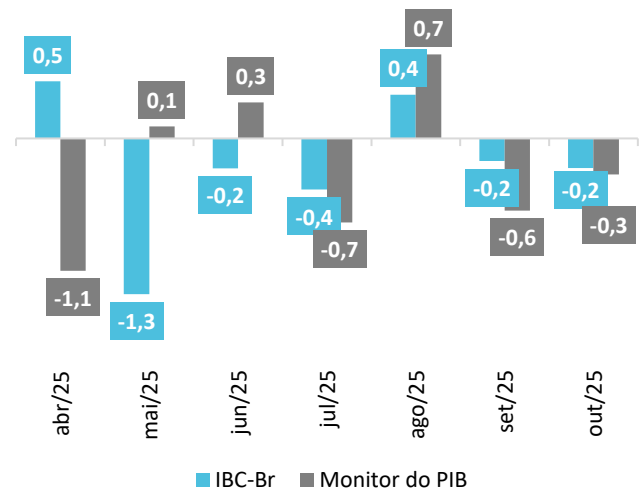
Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, apresentou queda similar, de 0,3% em outubro. Esta é a segunda queda consecutiva do indicador. Diferente do IBC-Br, o Monitor captou queda do setor agro e da indústria no mês, sob a ótica da oferta. Pela ótica da demanda, a queda da economia refletiu o recuo dos investimentos (FBCF) e do consumo do governo. Por outro lado, a publicação destacou o crescimento do setor de serviços (oferta) e do consumo das famílias (demanda) em outubro.

Quadro 3: Evolução das Probabilidades para a Reunião do Copom de Janeiro (28 e 29)



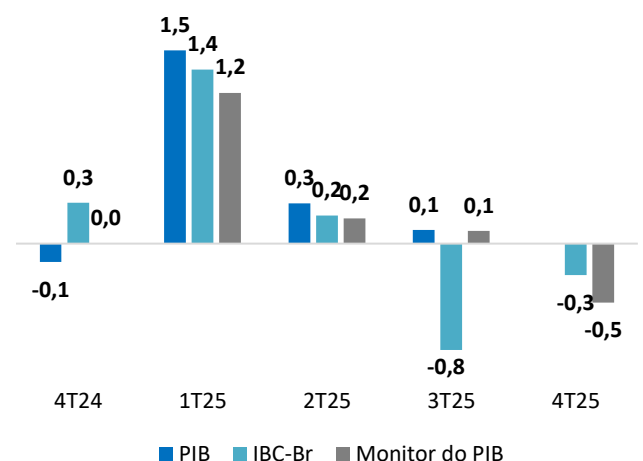
Fonte: Opção de Copom/B3

Quadro 4: Índices de Atividade: IBC-Br e Monitor do PIB - Var.% Mensal



Fonte: BCB e FGV

Quadro 5: PIB, IBC-Br e Monitor do PIB Var.% Trimestral*



Fonte: IBGE, BCB e FGV. * Carry over para o 4T25

Com o resultado, o Monitor do PIB também está com um *carry over* negativo para o 4º trimestre, de 0,5%, sendo assim outro indicador que sinaliza a possibilidade de contração da economia no período. Portanto, os dados de atividade seguem trazendo números mais fracos, indicando que a economia continua em trajetória de desaceleração neste fim de ano, impactada pela política monetária contracionista.

A entrada de investimento estrangeiro direto atingiu o maior patamar em 2 anos e meio, financiando o déficit externo do país, que, por sinal, segue elevado.

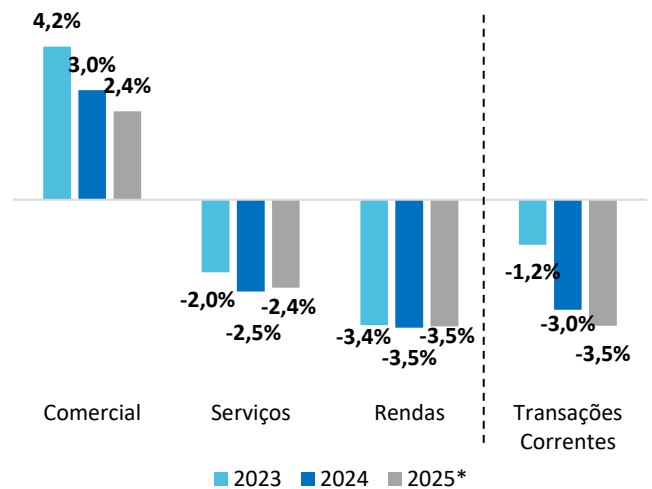
A balança de transações correntes foi deficitária em US\$ 4,9 bi em novembro, acima do registrado em novembro de 2024 (US\$ -4,4 bi). A piora do saldo refletiu o menor superávit comercial (US\$ 5,1 bi, ante US\$ 6,0 bi), devido à resiliência das importações; e, o aumento do déficit na balança de rendas (US\$ -5,6 bi, ante US\$ -5,4 bi), em função do aumento das remessas de lucros e dividendos. Apenas a balança de serviços mostrou alguma melhora, com queda do déficit de US\$ 5,0 bi para US\$ 4,4 bi, com redução dos gastos dos transportes.

No acumulado em 12 meses, o déficit em conta corrente ficou em US\$ 77,7 bi, equivalente a 3,47% do PIB, se mantendo relativamente estável nesta faixa nos últimos meses, após atingir o pico recente de 3,64% do PIB em julho. Em 2024, o déficit externo foi de 3,0% do PIB. A piora do ano é concentrada na balança comercial, que apresenta menor superávit, enquanto as demais (serviços e rendas) mostram melhora marginal.

De toda forma, nos últimos meses, tem havido um aumento significativo da entrada líquida de investimento estrangeiro direto (IED) no país. Em novembro, a entrada ficou em US\$ 9,8 bi, acumulando US\$ 84,2 bi em 12 meses, equivalente a 3,76% do PIB, maior patamar desde abril de 2023. Isto significa que a entrada de IED voltou a financiar o déficit externo, ainda que por pequena margem. Já os investimentos em carteira no mercado doméstico seguem fracos, com saída de US\$ 2,7 bi em novembro e de US\$ 1,0 bi nos últimos 12 meses. A saída de recursos de ações e fundos de investimentos tem mais do que compensado a entrada em títulos de dívida.

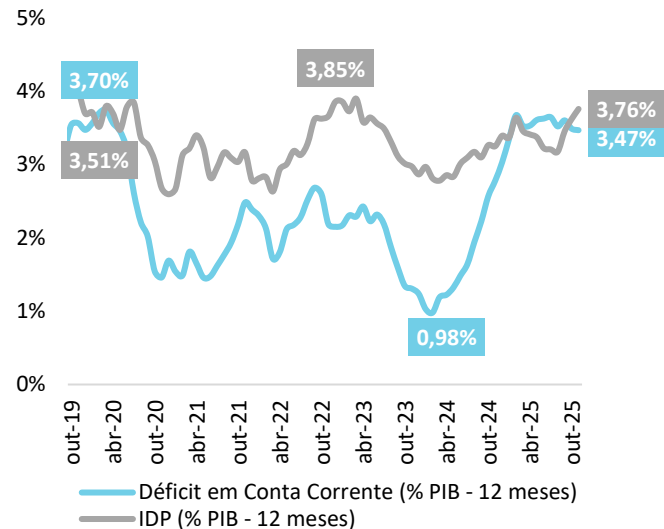
Portanto, o déficit externo segue elevado, mas a entrada robusta de IED voltou a financiar este déficit de forma integral.

Quadro 6: Balança de Transações Correntes Acum. 12 meses - % do PIB



Fonte: BCB. *Até novembro

Quadro 7: Déficit Externo e Entrada de Investimento Estrangeiro Direto – Acum. 12 meses (% do PIB)



Fonte: BCB.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Ruído do *shutdown* nas leituras mais fracas de emprego e inflação limita otimismo do mercado

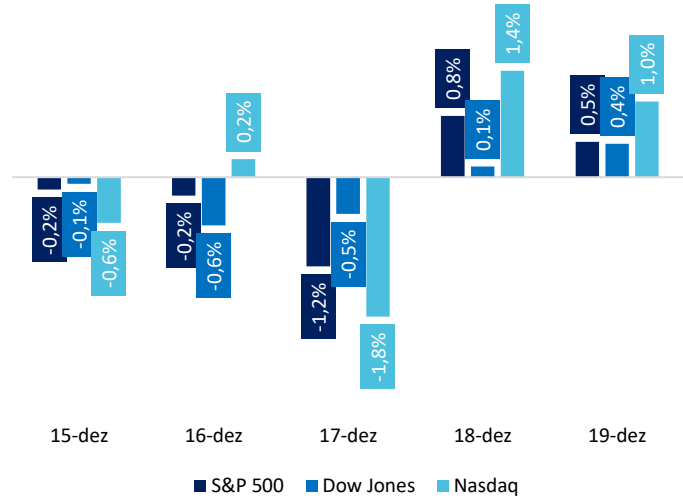
As principais bolsas e índices acionários fecharam a última semana com viés de alta, amparadas por uma correção dos preços das ações de empresas ligadas à IA, após queda na semana anterior. Parte do movimento decorreu do aumento da confiança dos agentes de que o Fed seguirá cortando os juros em 2026. A ferramenta do CME Group apontou que o mercado aumentou a probabilidade de dois cortes de 0,25 pp no próximo ano, após dados fracos do mercado de trabalho (*payroll*) e de inflação (CPI). Porém, as leituras merecem bastante cautela, dado que a coleta dos dados foi afetada pelo *shutdown*.

Por outro lado, o banco central japonês (BoJ) retomou o processo de aperto monetário no país, com alta de 0,25 pp, levando os juros para 0,75% aa, maior patamar desde 1995. O BoJ também indicou novas altas em 2026. Dado o baixo nível histórico dos juros no país, muitos investidores usam a moeda japonesa para investir em mercados com juros mais elevados (como o brasileiro). Contudo, a alta dos juros e a expectativa de novos aumentos no próximo ano torna tal estratégia mais arriscada, ajudando a explicar o menor apetite por ativos emergentes na semana. Por fim, vale citar também o aumento das tensões entre os EUA e a Venezuela. Ainda assim, o preço do barril de petróleo voltou a fechar a semana em queda, caminhando para US\$ 60 (tipo Brent), dado os temores de excesso de oferta do produto, que mais do que compensaram o aumento dos riscos geopolíticos.

Dentre os indicadores, o *payroll* registrou redução de 105 mil vagas em outubro e criação de 64 mil em novembro nos EUA, deixando um saldo negativo de 41 mil no bimestre. Em outubro, houve forte impacto das demissões do governo federal (-162 mil) em meio à paralisação dos servidores. Em novembro, a criação de vagas foi puxada pelo setor de saúde (+64 mil), mas com reduções de vagas em setores relevantes, como transporte (-18 mil) e entretenimento (-14 mil). A taxa de desemprego subiu para 4,6% em novembro, ante 4,4% em setembro. Quanto à inflação, o CPI desacelerou para 2,7% nos 12 meses encerrados em novembro (ante +3,0% em set/25), com alívio maior que o esperado, enquanto o núcleo atingiu 2,6% (também contra 3,0%), menor nível desde mar/21 (+1,6%). Contudo, uma série de preços foi imputada pelo BLS, ou seja, não houve coleta, tornando a leitura pouco aderente à realidade.

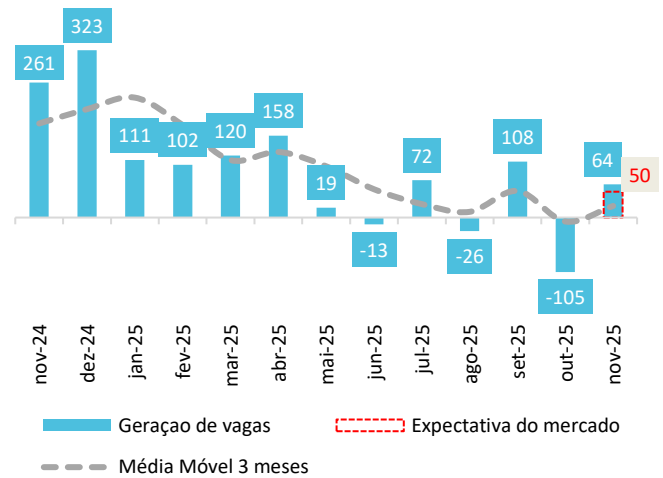
Na Europa, o banco central (BCE) manteve os juros inalterados (em 2,0% a.a., taxa de depósitos) pela 4ª reunião seguida e sinalizou que a tendência é que os juros fiquem estáveis nas próximas reuniões.

Quadro 8: Índices de Ações e Bolsas
Var. % diária



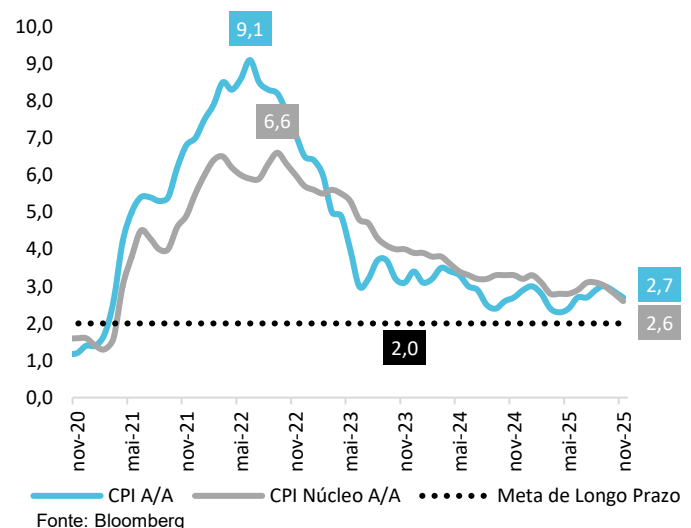
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: EUA – Geração de Vagas de Emprego
Em milhares



Fonte: Bloomberg

Quadro 10: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % a/a



Fonte: Bloomberg

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Expansão anual do crédito deve desacelerar para 10% em novembro

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 1,3% em novembro, levando o ritmo de crescimento anual da carteira a desacelerar de 10,2% para 10,0%, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Portanto, a Pesquisa aponta que o ritmo de expansão do saldo de crédito segue elevado, permanecendo na faixa de 2 dígitos, com um processo bastante gradual de acomodação.

A estimativa é de um desempenho homogêneo entre as carteiras destinadas às famílias e empresas, ambas com alta de 1,3% em novembro. No caso das famílias, a expansão mais intensa deve ocorrer na carteira com recursos livres (+1,5%), com crescimento disseminado entre as modalidades, mas com as linhas de maior risco (rotativas) seguindo com maior vigor. Em 12 meses, a carteira Livre PF deve desacelerar apenas ligeiramente para 12,7% (ante +12,8%).

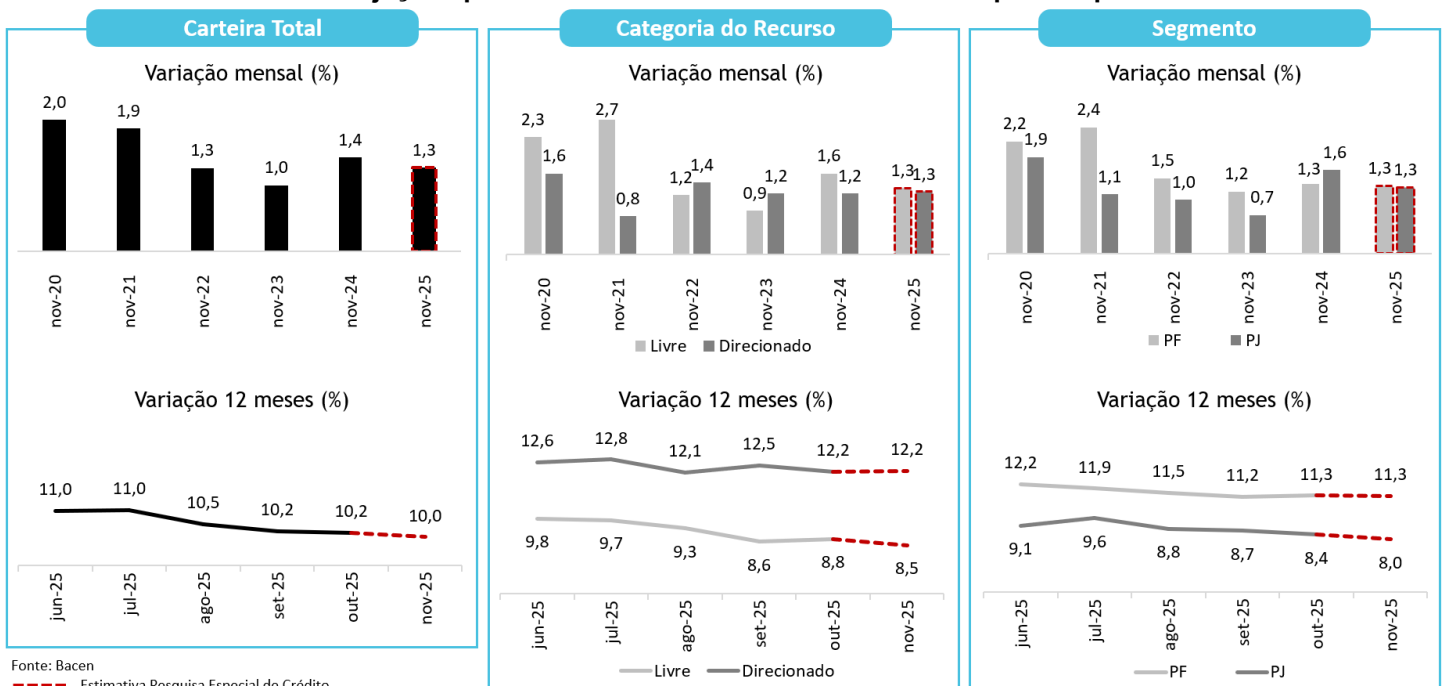
A carteira PF Direcionada deve crescer 1,1% no mês, beneficiada pelas renegociações do crédito rural (MP 1.314/2025 e Resolução CMN 5.247/2025) e resiliência do habitacional, beneficiado por programas como o MCMV. No acumulado em 12 meses, a

carteira Direcionada PF deve seguir estável em 9,5%.

O avanço do crédito destinado às empresas deve ser impulsionado pelos recursos direcionados (+1,6%), que seguem sustentados pelos programas governamentais. O resultado deve manter o ritmo de expansão anual da carteira Direcionada PJ em alto patamar (em 17,6%, ante 17,5%). A carteira PJ com recursos livres, por sua vez, deve subir 1,0% em novembro, contando com o impulso de linhas relacionadas ao comércio (desconto de recebíveis). Em 12 meses, a expansão da carteira Livre PJ deve desacelerar de 3,2% para 2,6%, seguindo como o segmento de menor dinamismo.

No geral, o resultado da pesquisa mostra que o crescimento anual do crédito total segue elevado, se mantendo na faixa de 10%, apesar do alto nível da taxa Selic. O resultado sugere que o crédito deve fechar o ano com alta entre 9% e 10%, em linha com a [nova projeção](#) divulgada pelo Banco Central no Relatório de Política Monetária do 4T25. Este crescimento é sustentado pelos programas governamentais para as empresas e linhas voltadas ao consumo para as famílias, ainda que, neste último caso, com uma piora da qualidade da carteira (maior participação de linhas rotativas).

Quadro 11: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen

--- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

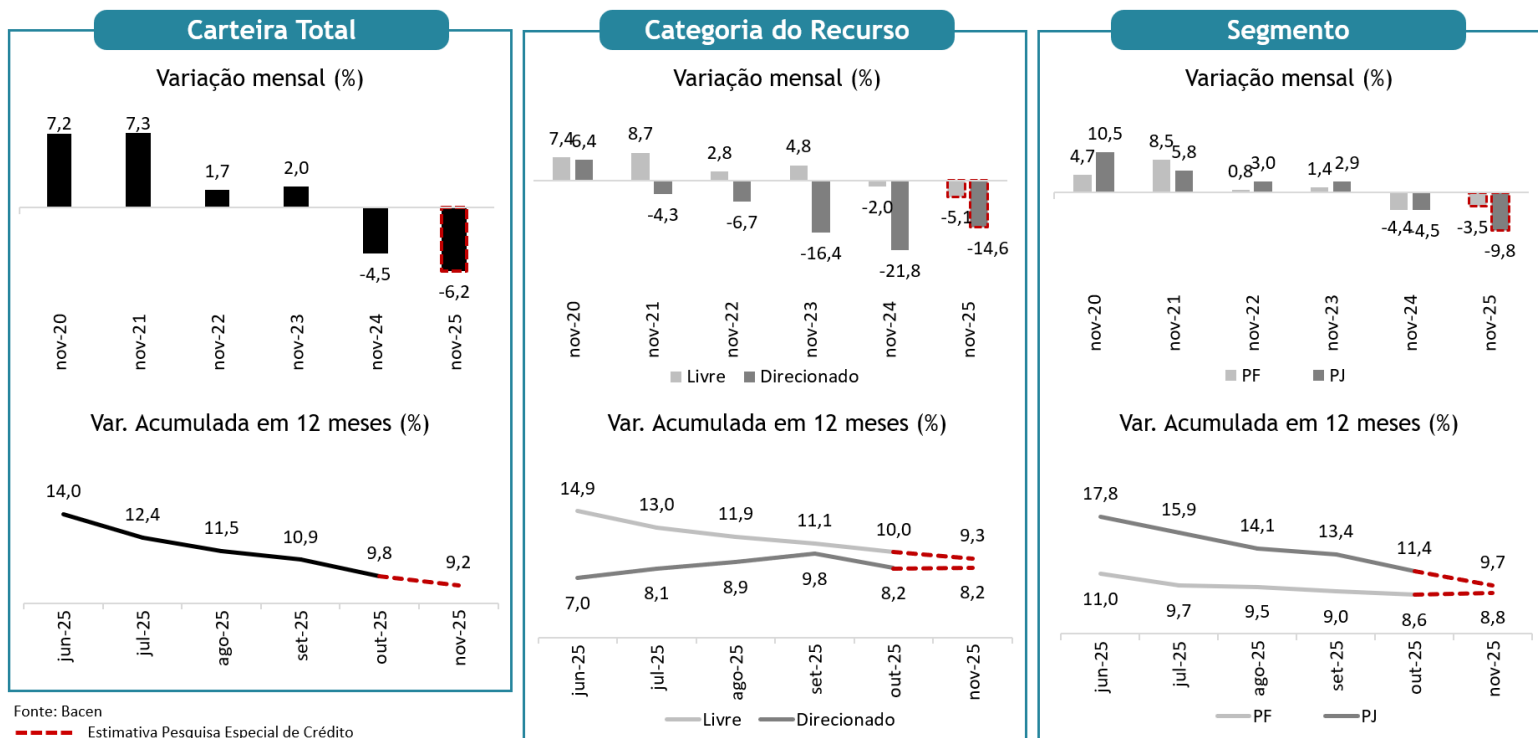
As concessões de crédito devem apresentar queda mensal de 6,2% em novembro. Entretanto, novembro teve apenas 19 dias úteis (ante 22 em outubro). Ajustando por este fator, as concessões registraram expressiva alta de 13,5% no mês. Essa alta reflete, principalmente, a expansão no volume de crédito livre (+14,8%), seja em função do maior uso do cartão de crédito à vista pelas famílias ou do uso de linhas de descontos de recebíveis pelas empresas, em contexto de festas de fim de ano.

Na comparação com novembro de 2024, que elimina efeitos sazonais, as concessões devem crescer 10,0%, com a alta sendo liderada pelas linhas com recursos direcionados (PF e PJ). Já no

acumulado em 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões deve seguir em ligeira desaceleração, passando de 10,8% para 10,6%, em linha com os sinais de acomodação gradual do crédito.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para o dia 26 de dezembro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 12: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Projeções para o Mercado de Crédito – RPM (BCB)

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central voltou a revisar para cima sua projeção para a expansão do saldo de crédito em 2025. Segundo o Relatório de Política Monetária (RPM) do 4T25, a expectativa do BC para 2025 foi revista de 8,8% (relatório anterior) para 9,4%, refletindo tanto o desempenho acima do esperado do crédito direcionado às empresas como a resiliência do crédito livre às famílias. O relatório trouxe novas projeções para o ano de 2026, também reajustando para cima as expectativas de crescimento, de 8,0% para 8,6%.

Para 2025, o ajuste mais significativo ocorreu, assim como no relatório de setembro, na carteira PJ Direcionada, cuja projeção passou de 12,5% para 16,0%, refletindo o forte desempenho das operações garantidas pelo PEAC (Programa Emergencial de Acesso ao Crédito). A projeção da carteira PF Livre também foi revista para cima, de 10,5% para 11,5%, em função da evolução recente acima do esperado. O relatório destaca que a expansão tem sido liderada pelas operações de crédito emergencial (linhas rotativas), sugerindo alguma deterioração do orçamento das famílias, assim como do novo consignado privado. Por outro lado, modalidades de longo prazo, como financiamento de veículos e consignado, mais sensíveis à política monetária, bem como o cartão à vista, apresentaram moderação. A carteira PF Direcionada também foi revisada para cima (de 8,0% para 9,0%), em função de surpresa positiva com o crédito imobiliário que compensou a perda de ímpeto no crédito rural.

Já a projeção para a carteira PJ Livre foi a única revisada para baixo (de 5,5% para 3,5%) com efeitos da política monetária contracionista, apreciação cambial sobre o saldo de linhas de comércio externo, impacto do aumento da alíquota do IOF e, possivelmente, um deslocamento da demanda por financiamento para o mercado de capitais e para o crédito direcionado.

Para 2026, a expectativa é de que o ritmo de expansão nominal do crédito siga em acomodação, quando desaceleraria de 9,4% para 8,6%. Essa perda de fôlego ocorreria tanto no crédito livre, quanto direcionado. No livre, a expectativa é de alguma moderação na carteira PF (para 9,0%), compensado por alguma melhora em PJ (para 6,0%). Já na direcionada, refletindo o arrefecimento do crédito às empresas (+11,0%), dada a elevada base de comparação, embora ainda com alto nível de expansão, sustentado pelos programas públicos; e, manutenção do nível de expansão do crédito às famílias (+9,0%), beneficiado pelo novo programa de crédito imobiliário, especialmente pela possibilidade de dedução de até 5% dos recursos compulsórios sobre depósitos de poupança.

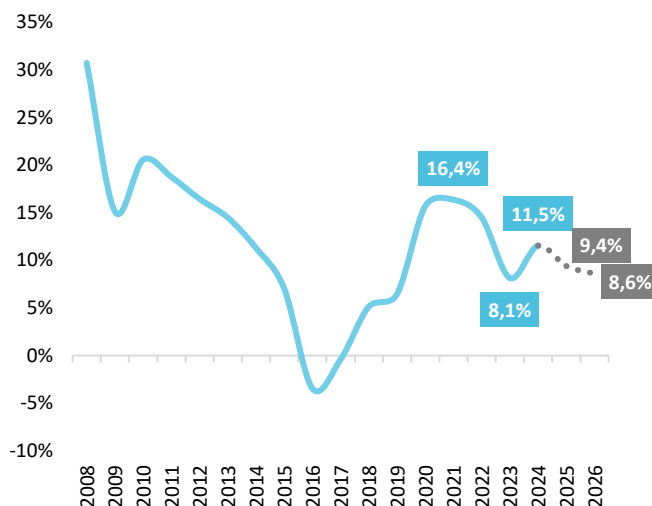
Em termos reais (descontando a inflação), o crescimento projetado é de 4,8% em 2025 e de 4,9% em 2026, representando reduções ante o observado em 2024 (+6,4%). Segundo o BCB, o movimento é consistente com o cenário de menor crescimento da atividade econômica e com os efeitos defasados da política monetária. De toda forma, o nível de expansão do crédito segue elevado.

Quadro 13: Projeções de Crédito do BCB
Var.% Anual

	Efetivo		Projeção 2025		Projeção 2026	
	2024	out/25	Anterior	Atual	Anterior	Atual
Total	11,5	10,2	8,8	9,4	8,0	8,6
Livres	11,3	8,8	8,4	8,1	7,7	7,8
PF	12,6	12,8	10,5	11,5	8,5	9,0
PJ	9,5	3,2	5,5	3,5	6,5	6,0
Direcionados	11,9	12,2	9,5	11,3	8,3	9,7
PF	12,5	9,5	8,0	9,0	8,0	9,0
PJ	10,7	17,5	12,5	16,0	9,0	11,0
Total PF	12,6	11,3	9,4	10,4	8,3	9,0
Total PJ	9,9	8,4	8,0	8,0	7,4	7,9

Fonte: RPM do 4T25/BCB.

Quadro 14: Expansão do Saldo de Crédito
Realizado e Projeção do BCB – Var.% em 12 meses



Fonte: RPM do 4T25/BCB.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	19/12/25	12/12/25	21/11/25	Viés	19/12/25	12/12/25	21/11/25	Viés
IPCA (%)	4,33	4,36	4,45	▼	4,06	4,10	4,18	▼
PIB (% de crescimento)	2,26	2,25	2,16	▲	1,80	1,80	1,78	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	-	-	15,00		12,25	12,13	12,00	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,43	5,40	5,40	▲	5,50	5,50	5,50	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	19/12/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,54	2,31%	3,90%	-10,26%	-9,72%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	140,04	3,14%	-1,21%	-34,86%	-33,58%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,90	-0,01%	0,03%	20,95%	21,32%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,80	0,73%	0,74%	-10,44%	-8,10%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,54	1,83%	4,36%	-13,18%	-8,60%
Índice Ibovespa (em pontos)	158.374,17	-1,49%	-0,44%	31,67%	30,68%
IFNC (setor financeiro)	16.963,12	-2,49%	-3,77%	43,40%	43,19%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	-6,25%	-16,67%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,48	-1,10%	-0,17%	-17,88%	-19,30%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,15	-0,88%	3,34%	-8,51%	-9,10%
Dollar Index	98,71	0,32%	-0,75%	-8,71%	-8,94%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.834,97	0,11%	-0,21%	15,71%	16,50%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	165,36	0,39%	7,28%	29,55%	32,60%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	128,17	0,12%	6,00%	6,72%	8,44%
Índice Euro Stoxx 50	5.760,35	0,69%	1,63%	18,30%	18,06%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	261,58	4,10%	7,51%	79,97%	81,46%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	60,55	-0,93%	-4,19%	-18,60%	-16,92%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins